

MIROSLAV MILOVIC: O AMOR MILITANTE

MIROSLAV MILOVIC: MILITANT LOVE

Rose Brito¹

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v2i2.94> Recebido em: 04.11.2024 Aceito em: 20.12.2024

Resumo: O objetivo do ensaio é apresentar a interpretação de Milovic sobre o amor paulino, uma das fontes fundamentais para a compreensão do amor militante. O ensaio está dividido em duas seções: a interpretação do amor paulino como “amor desinteressado” nos textos de Frederico Lourenço “*Amor sexual e bem-aventurança*” e “*Sexo e a Cidade (de Deus)*”. Na segunda seção, é anunciada a interpretação de Milovic sobre Paulo e o Amor Mundi presente no texto *São Paulo: Parusia como mudança do mundo*. A tese a ser defendida é a originalidade do pensamento de Milovic acerca da noção ético-política do amor.

Palavras-chave: Miroslav Milovic. Amor. Política.

Abstract: The purpose of this essay is to present Milovic’s interpretation of Pauline love, one of the crucial sources for understanding militant love. The essay is divided into two sections: the interpretation of Pauline love as “selfless love” in Frederico Lourenço’s texts “*Sexual Love and Blessedness*” and “*Sex and the City (of God)*”. In the second section, Milovic’s interpretation of Paulo and the Amor Mundi present in the text: “*São Paulo: Parousia as a Change in the World*”, is stated. The thesis to be defended is the originality of Milovic’s thought about the ethical-political concept of love.

Keyword: Miroslav Milovic. Love. Politics.

1 Introdução

“... a palavra mais importante nas últimas obras de Milović – amor.”
(Grujić, 2023)

“É insensato deixar o amor com os padres, os poetas e os psicanalistas.”
(Hardt; Negri, 2016)

Na obra *Direito como Potência* (2023), Miroslav Milovic faz referência ao conceito de amor no decorrer dos ensaios. Com alusão ao *amor paulino*, ao *amor mundi* arendtiano e ao *amor fati* nietzscheano. Nessa multiplicidade, Milovic deixa transparecer sua autêntica compreensão sobre o amor.

Neste breve ensaio, o objetivo é apresentar a interpretação de Milovic sobre o amor paulino, uma das fontes fundamentais para a compreensão do amor militante. A tese a ser defendida é a originalidade do pensamento de Milovic acerca da noção ético-política do amor

¹ Presidente do Instituto Miroslav Milovic. Bolsista de Pós-Doutorado no programa PAET-PG/UFPE.



em São Paulo. De forma explícita, esta questão aparece na pergunta elaborada por Milovic: “existe, mesmo assim, uma articulação política nessa direção, um *Amor Mundi* paulino possível?” (Milovic, 2023, p. 28)

Na história da filosofia, vários diálogos foram desenvolvidos a partir das epístolas de São Paulo, desde interpretações mais teológicas a interpretações mais filosóficas e críticas. Para ilustrar a controvérsia interpretativa sobre o amor paulino, na primeira sessão é apresentada a compreensão crítica do poeta português Frederico Lourenço e, na segunda sessão, a leitura filosófica de Miroslav Milovic que se encaminha para a defesa ético-política acerca do amor.

Na psicanálise, “a reflexão sobre o amor demonstra seu interesse político na medida em que abre a compreensão para formas de reconhecimento entre sujeitos que, ao menos por um momento, deixam de querer ser determinados como pessoas individualizadas” (Safatle, 2016, p. 23). Na filosofia, Milovic compartilha a cosmovisão política acerca do amor, para além de uma perspectiva individual e romantizada. O amor é ação, resistência e prática transformadora como argumenta Bell hooks; a diferença, no entanto, é que a filósofa estadunidense realiza uma leitura interseccional antirracista e feminista sobre o amor, enquanto Milovic parte das epístolas paulinas para uma afirmação prática e militante acerca do amor.

O amor, o ódio, o medo são mais que afetos individuais, estão em disputa e compõem a experiência política. Com Hobbes, não resta dúvida que o “medo como afeto político central, [...] afeto mais forte que nos levaria a aquiescer à norma, constituindo a possibilidade de uma vida em sociedade que permitiria nos afastarmos do estado de natureza” (Safatle, 2016, p. 42). No contexto brasileiro, o ódio foi apropriado estrategicamente pela extrema direita nas últimas eleições e utilizado como política de Estado no mandato presidencial de 2019 a 2022. Na prática, instrumentalizou-se o ódio para combater às diferenças e promover a violação aos direitos dos povos originários, das comunidades quilombolas, das mulheres, do movimento sem-terra e das pessoas LGBTQIAPN+.

Enquanto a direita opera o ódio, as esquerdas têm dificuldade de incorporar o amor enquanto força política e coletiva². Qual amor seria capaz de criar novas formas políticas e resistências ao capital? Essa pergunta subjaz o ensaio. É provável que “para chegar a um conceito político do amor que o reconheça centrado na produção do comum e na produção da vida social, temos de romper com a maioria dos significados contemporâneos da palavra, trazendo de volta certas noções antigas para trabalhar com elas” (Negri, 2016, p. 13).

2 Eros³

Frederico Lourenço⁴ argumenta no texto *Amor sexual e bem-aventurança* que a palavra “amor” no evangelho é “ágape”. Este amor anunciado por Jesus tem significado diferente das palavras gregas “philia” e “éros”, que significam amor na filosofia grega. Na leitura do poeta

2 Nas últimas eleições, parte da esquerda brasileira utilizou o slogan “O amor venceu o ódio”, não obstante passado o período eleitoral o amor desapareceu da cena política. Em contrapartida, o amor militante é diário, está presente no movimento político de base, cultivado desde as pequenas comunidades. O amor que aparece apenas nos discursos eleitorais não é amor-ação militante, é ação estratégica.

3 Sobre as ambivalências de eros, ver: Carson, A. *Eros: o doce-amargo: um ensaio*. Tradução Julia Raiz. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

4 Professor de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras na Universidade de Coimbra. Tradutor da Bíblia, da Odisseia, Ilíada e diversos textos filosóficos clássicos.

português, a dimensão sexual do amor está presente de forma explícita em *eros*, implícita em *philia* e ausente em *ágape*.

Para explicar o *ágape*, Lourenço recorre a opinião de um sacerdote que resume o amor-*ágape* ao “amor desinteressado”. Em um relato pessoal, Lourenço esclarece que devido a sua homossexualidade, só seria aceito pela Igreja Católica se o amor compartilhado com seu companheiro fosse um “amor desinteressado” (*ágape*), despossuído de qualquer feição sexual.

Lourenço atribui ao apóstolo São Paulo a exaltação do “amor desinteressado”, com fundamento na epístola 1 Coríntios 7-11. Enquanto os cristãos repudiam o amor sexual, os gregos cultivam o *eros* como manifestação da liberdade. O poeta português recorda que: “no seu brilhante <<Banquete>>, [...], Platão põe na boca de uma das suas personagens aquilo que é o melhor efeito do amor sexual na psique humana: «érōs» tem efeito curativo sobre a pessoa humana e torna os seres humanos felizes e «bem-aventurados» (Banquete 193d)” (Lourenço, 2019, grifo nosso).

Embora demarque os significados diferentes do amor - *ágape*, *philia* e *eros* - no evangelho e na filosofia, Lourenço destaca que a palavra “bem-aventurança” é utilizada tanto por Platão no *Banquete* quanto por Jesus no *Sermão da Montanha* (“bem-aventurados os puros de coração, pois verão Deus”). A partir deste fragmento, conclui em tom de crítica a São Paulo que o amor, “a pureza, na verdade, não é algo que tenha a ver com o pênis ou com a vagina. É algo que tem a ver com o coração” (Lourenço, 2019). Em contrapartida, a interpretação paulina de Badiou expõe: o que salva não é o coração, mas a boca⁵.

No texto *Sexo e a Cidade (de Deus)*, as críticas de Frederico Lourenço a São Paulo são ainda mais intensas. O texto trata de um vandalismo ocorrido no século V d.C. Segundo o autor, “fanáticos cristãos arranharam o sinal da cruz na testa da deusa do amor e, não fosse alguém ainda achar bela a deusa da Beleza, cortaram-lhe o nariz. Este acto de vandalismo ocorreu já depois de o cristianismo se ter tornado a religião obrigatória [...]” (Lourenço, 2020). A imagem de mármore da deusa grega Afrodite com a cruz grafada na testa e sem nariz está no Museu Arqueológico Nacional de Atenas⁶.

O poeta português enumera três críticas a São Paulo. A primeira, em tom de denúncia ao vandalismo cristão, informa que as epístolas paulinas foram preservadas em manuscrito, ao tempo em que muitas esculturas gregas foram destruídas pelos chamados “cristãos zelosos” e acrescenta:

esse manuscrito contendo as epístolas de Paulo está actualmente em Berlim e tem, pois, a particularidade de uma parte do texto ter sido escrito sobre folhas de pergaminho cujo texto original fora raspado, para se sobrepor o texto de Paulo. O texto original era uma preciosidade não menos maravilhosa do que as esculturas do Partenon: tratava-se de duas páginas de uma tragédia perdida de Eurípedes, chamada “Faetonte”. No século XIX, procurou-se aplicar um químico ao pergaminho para se tentar ler o texto de Eurípedes, mas esses breves fragmentos da tragédia perdida são hoje ilegíveis. (Lourenço, 2020)

O ato de raspar um texto poético pagão e sobrepor um texto religioso é, para Lourenço,

5 “E a palavra da fé que pregamos. Se tu confessas por tua boca o Senhor Jesus e se tu crês em teu coração que Deus ressuscitou dos mortos, tu serás salvo. Pois é crendo de coração que se alcança a justiça e é confessando pela boca que se alcança a salvação. (Rm. 10. 8 e ss.)” (Badiou, 2009, p. 103).

6 Disponível em: <https://www.nga.gov/features/slideshows/from-the-ancient-to-the-byzantine-world.html>

mais que vandalismo, é um sintoma perigoso do fundamentalismo cristão. Segundo o autor, este ato não ocorreu de forma isolada, pois muitos pergaminhos, livros e estátuas pagãs foram destruídas em nome da fé cristã.

A segunda crítica a São Paulo decorre de duas palavras gregas utilizadas pelo apóstolo, mas traduzidas de forma equivocada para o latim (“in quo”) para reforçar a tese do pecado original. A tradução de “[...] in quo (no qual, levaram Santo Agostinho e outros a designar Adão como o homem “no qual” todos os homens pecaram. Assim todos nós hoje no mundo (e todos os vindouros que ainda não nasceram) pecámos no momento em que Adão pecou” (Lourenço, 2020).

A terceira crítica é a aversão do cristianismo ao amor sexual. “Aliás, para Paulo, idealmente marido e mulher deviam viver juntos em virgindade perfeita, sem nunca ter relações sexuais. A continuação da espécie humana não era urgente na cabeça dos primeiros cristãos, pois todos acreditavam que o mundo estava prestes a acabar. [...]” (Lourenço, 2020). Além da castidade do marido, da mulher, das viúvas, complementa Lourenço: “já sabemos que Paulo vedou aos homossexuais o acesso ao reino de Deus. E também disse para não nos deixarmos enredar com a filosofia. Felizmente, o vandalismo cristão não apagou do patrimônio da humanidade a obra de Platão [...]” (Lourenço, 2020).

Em síntese, a crítica de Frederico Lourenço ao amor paulino se estende ao cristianismo como religião e ao tema da sexualidade. No texto *Amor sexual e bem-aventurança*, a equivalência do amor-ágape ao “amor desinteressado” é questionável, sobretudo, porque o autor recorre ao argumento de autoridade de um padre para explicar sua tese: “«agápē», o amor de que fala Jesus, é aquilo que *um padre com quem conversei* há muitos anos chamou o «amor desinteressado»)” (Lourenço, 2019, grifo nosso). Conforme inscrito na epígrafe deste ensaio é insensato deixar para os padres a complexa compreensão sobre o amor. Por sua vez, na filosofia,

Žižek fala do “amor” nas cartas de Paulo; no entanto, não se distingue bem entre *eros* (do desejo) e a *philia* (a amizade greco-romana), ambos na ordem da Lei, e o *ágape*, próprio da comunidade “messiânica. *O ágape é um amor ao Outro como outro, um amor de responsabilidade pela plena realização do Outro, é um amor de serviço e disponibilidade que supera a fraternidade, como amizade da comunidade sob a Lei. É solidariedade com “a viúva, o órfão, o pobre, o estrangeiro” desde os tempos de Hamurabi; com os fracos, oprimidos e explorados.* (Dussel, 2016, p. 26, grifo nosso)

No texto *Sexo e a Cidade (de Deus)*, as três críticas de Lourenço a Paulo estão além do tema do amor, na verdade, são destinadas de forma genérica aos seguidores do cristianismo. Os atos de intolerância contra as manifestações artísticas pagãs são passíveis de crítica, todavia parece incoerente responsabilizar Paulo pelos atos de vandalismo ao longo da história do cristianismo. Os dois textos de Frederico Lourenço constroem uma caricatura obscurantista e anticivilizacional de São Paulo, ao ponto de o autor afirmar: se não tivesse “havido mais tarde o Renascimento em Itália, o autor fundacional da nossa civilização teria sido São Paulo. Felizmente, foi-nos deixada a possibilidade de optarmos, antes, por Aristóteles. Mas foi por pouco” (Lourenço, 2020).

De maneira oposta à interpretação teológica, coexistem interpretações filosóficas sobre o pensamento de São Paulo a partir da filosofia política. Nesse sentido, subsistem “as categorias políticas de Paulo de Tarso nas interpretações de M. Heidegger, A. Badiou, S. Zizek, W Benjamin,

J. Taubes, G. Agamben e F. Hinkelammert” (Dussel, 2016, p. 22). Na próxima sessão, evidencia-se a interpretação do filósofo Miroslav Milovic.

3 Paulo e o Amor Mundi

“Paulo nos interessa exatamente porque fala algo para nós. Talvez é o nosso guia. Além dessas questões teóricas, queremos entender também se o pensamento paulino possui consequências práticas” (Milovic, 2023, p. 24). No texto *São Paulo: Parusia como mudança do mundo*, Milovic deixa manifesto sua leitura filosófico-política acerca das epístolas paulinas. Com referência a três dimensões de pesquisa: Paulo e a metafísica; *Paulo e Amor Mundi*, Paulo e a questão da justiça.

Neste ensaio, quer-se defender que o texto de Milovic é atravessado pelo *Amor Mundi* paulino, isto é, uma “articulação política” do pensamento de São Paulo. Desde o início o que interessa a Milovic são as consequências práticas; em outros termos, as consequências éticas e políticas. A militância em potencial de Paulo aproxima Milovic da leitura de Badiou, para quem:

Paulo é um pensador-poeta do acontecimento e, ao mesmo tempo, aquele que pratica e enuncia atos constantes característicos do que se pode denominar a figura militante. Ele faz surgir a conexão, integralmente humana e cujo destino me fascina, entre a ideia geral de uma ruptura, de uma virada, e a de um pensamento prático, que é a materialidade subjetiva dessa ruptura. (Badiou, 2009, p. 8)

Na interpretação de Badiou, Paulo aparece como militante político enredado pelo aspecto comunista de sua filosofia. No livro *São Paulo: a invenção do universalismo*, as epístolas são analisadas sem qualquer fundamento teológico ou antiteológico; em seguida, Paulo é personificado como uma “nova figura militante, demandada para suceder àquela cujo lugar Lenin e os bolcheviques ocuparam, no início do século passado, e que se pode dizer ter sido a do militante de partido” (Badiou, 2009, p. 8). Badiou traça novos perfis de militância, ao relacionar Paulo a Lênin e Jesus a Marx.

A leitura de Milovic, neste aspecto, é diferente. A aposta da militância é no ser humano. Não há um messias específico ou personificado. No máximo, Paulo é um exemplo, um guia que ilustra a possibilidade de mudança, a criação de algo novo no mundo. O recado é pedagógico: um homem simples foi capaz de fundar um projeto universal, uma nova religião; por que hoje parece impossível ao ser humano criar novas formas de organização social e econômica? A reflexão de Milovic é política e anticapitalista. E nos provoca: “fortalecido, ainda mais, nessa cultura neoliberal das novas identidades, excluindo a vida, os Outros em nome do funcionamento mercantil. Alguém está se sentindo vivo no capitalismo?” (Milovic, 2023, p. 35).

Nisso está a originalidade da interpretação miroslaviana, a fé na potência espiritual ético-política do ser humano para criação do novo. Pois, “talvez nem pela ressurreição o Espírito ainda se realizou. Precisamos algo mais. Uma intrusão, talvez. Uma intrusão do próprio ser humano. Só assim, talvez, aparece o Espiritual. Depende do ser humano” (Milovic, 2023, p. 30). Um messianismo sem messias. Até porque “o único Messias possível é coletivo: é a própria humanidade, mais precisamente [...] a humanidade oprimida. Não se trata de esperar o Messias, ou de calcular o dia de sua chegada, [...] mas de agir coletivamente. A redenção é uma auto-redenção” (Löwy, 2005, p. 51-52).

4 Amor militante

A leitura filosófica de Milovic ressalta o “encontro infeliz” entre Paulo e os gregos, no entanto diferente de Frederico Lourenço, o filósofo sérvio-brasileiro não reduz o pensamento cristão ao vandalismo obscurantista. Diz Milovic: “a metafísica grega está seguindo o mundo e não os homens ou um homem até. Os gregos são humildes, querem entender o mundo e o próprio lugar deles no mundo. Mas também, Paulo é humilde, é alguém insignificante, como ele pensa, mudando o nome” (Milovic, 20223, p. 23).

A diferença entre os gregos e cristãos se faz presente também na compreensão sobre o amor. “O caminho da procura sobre os pressupostos é, para os gregos, a questão da razão. Até a palavra Eros aparece neste caminho, como tentativa de se realizar, completar, talvez, cognitivamente” (Milovic, 2023, p. 29), por outro lado, o caminho para os cristãos “não é da Eros, mas do Ágape. É o amor com o divino, a relação emotiva” (Milovic, 2023, p. 29).

Então, o que significaria o “Amor Mundi paulino” no texto de Milovic? A hipótese adotada é a transfiguração do amor-ágape-individual-divino no amor-militante-coletivo-imanente na práxis social e política. Que se concretiza na “afirmação da contingência do Outro. Por isso, se chama amor e não algum tipo de procedimento racional. Bem-vindos os Outros! É o recado. Vai se realizar? O que seria o aspecto messiânico dessa abertura e dessa política?” (Milovic, 2023, p. 32).

O “*amor mundi* paulino” parece para Milovic a potência transformadora presente no ser humano. Nesse sentido, o amor militante é ontológico, subversivo e ativo, não se trata de um “amor desinteressado” e transcendente. Amar é uma práxis ético-política, é ação. “Aqui, Arendt poderia se aproximar de Paulo nas leituras sobre o *Amor mundi*” (Milovic, 2023, p. 34). Não obstante, as dúvidas sobre a efetividade deste projeto existem e são postas por Milovic: “como acreditar nas políticas paulinas se ele, por exemplo, mesmo condenado a escravidão, não nos convida a mudar algo, mas ficar onde estamos? ‘Cada um permaneça na vocação em que foi chamado’ (Atos dos Apóstolos 9:4-6)” (Milovic, 2023, p. 28).

Algumas epístolas paulinas ressoam mais em resignação e impotência que subversão e confrontação. Como interpretá-las? Na antiguidade, há uma singular excepcionalidade sobre o tema do destino tanto na interpretação cristã quanto na interpretação filosófica. No livro VII, meditação 57, diz Marco Aurélio: “*Limita-te a amar o que acontece a ti mesmo e a trama de teu destino.*” (Aurélio, 2019, p. 55, grifo nosso). Aos contemporâneos parece mera aceitação e impotência diante do destino; na antiguidade, porém, a visão cosmológica compõe o tempo e a vida das pessoas. “De modo que, agentes ou pacientes, quando agimos ou sofremos, resta-nos, sempre, sermos dignos do que nos acontece. É essa, sem dúvida, a moral estoica: não ser inferior ao acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos.” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 53)

Na parte final, Milovic afirma: “Assim, o *Amor Mundi* se mostra como Amor de liberdade. [...]. O universal paulino é uma específica ligação entre o singular e o universal” (Milovic, 2023, p. 35). Resta claro que a resignação não é um componente deste amor, mas sim a alegria. “Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos! (Fil. 4,4-9). Não é sem motivo que Spinoza aparece no texto de Milovic sobre São Paulo, a alegria é um afeto ativo na política e na ética.

5 Considerações finais

Este ensaio buscou apresentar as primeiras reflexões sobre o amor militante anunciado na filosofia de Miroslav Milovic. Este amor anunciado “não é ‘interno’, mas intersubjetivo, histórico e politicamente subversivo que solidifica o ‘resto’ messiânico, que dá ânimo para afrontar o perigo: ‘Nós, os fortes, devemos carregar as debilidades dos fracos e não buscar o que nos exalta. Procuremos a satisfação do Outro no bem, mirando aquilo que é construtivo. [...] (Rm 15,1-2) (Dussel, 2016, p. 28).

Em *Mil platôs*, Deleuze e Guattari narram a famosa fábula do amor da Vespa e Orquídea, que cria novas singularidades e novos devires, “a história do amor vespa-orquídea é um amor baseado no encontro da alteridade, mas também num processo de tornar-se diferente” (Hardt; Negri, 2016, p. 241).

Dedico este texto a Miroslav Milovic, ao amor militante.

Que nosso amor seja como a vespa e a orquídea.

Referências

- Aurélio, Marco. *Meditações*. Tradução e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019.
- Badiou, Alain. *São Paulo: a fundação do universalismo*. Tradução de Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2009.
- Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta: 1998.
- Deleuze, G.; Guattari, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- Dussel, Enrique. *Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios*. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2016.
- Grujić, Vanja. Introdução à Edição Sérvia. In: Milovic, M. *Direito como Potência*. Editora Metrics, 2023, p. 19-26.
- Hardt; Michael; Negri; Antonio. *Bem-estar comum*. tradução Clóvis Marques. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- Lourenço, Frederico. *Amor sexual e bem-aventurança*. 2019. Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/amor-sexual-e-bem-aventuranca/>
- Lourenço, Frederico. *Sexo e a Cidade (de Deus)*. 2020.
- Löwy, Michael. *Walter Benjamin – Aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- Milovic, Miroslav. *Direito como potência*. Santo Ângelo: Metrics, 2023.
- Safatle, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.